

### Diapositivo 1

Bom dia. Em primeiro lugar quero agradecer o convite que me foi dirigido pelo Memorial de la Shoah de Paris, por intermédio do Dr. Bruno Boyer e sugestão da Dr.ª Esther Mucznik, e pela Direção Geral de Educação para aqui estar hoje. O meu nome é Sandra Costa e sou professora de História no Agrupamento de Escolas da Maia, especificamente na Escola Secundária da Maia, e estou aqui hoje para partilhar convosco a experiência de um Projeto escolar sobre a memória e o ensino do Holocausto – o projeto NOMES – que dinamizei com a colaboração de muitos outros docentes, na Escola Secundária de Vilela, em Paredes, entre 2008 e 2017.

Neste ateliê pedagógico, procurar-se-á, num primeiro momento, mostrar alguns dos trabalhos e atividades realizados pelos alunos ao longo dos nove edições do Projeto, explicitando-se a metodologia utilizada, e, num segundo momento, mais prático, colocar-vos a explorar algumas das bases de dados online de arquivos internacionais sobre a temática do Holocausto bem como em contacto com a tipologia de fontes utilizadas no trabalho de reconstituição histórica que originou as três exposições mais representativas do Projeto. O objetivo deste ateliê pedagógico é, pois, lançar pistas para hipóteses de trabalhos futuros com os alunos, em prol da Memória Histórica e da Educação para a Cidadania e para os Direitos Humanos.

### Diapositivo 2

Este Projeto começou quando, entre os dias 9 e 17 de agosto de 2008, pela primeira vez, um grupo de 30 portugueses, eu incluída, participou no primeiro Seminário para Educadores Portugueses da Escola Internacional para o Estudo do Holocausto, integrada no Yad Vashem (Autoridade para a Memória dos Mártires e dos Heróis do Holocausto), em Jerusalém.

Fruto da participação de duas docentes da Escola Secundária de Vilela nesse Seminário e da colaboração de diversos docentes da mesma, nasceu, em setembro de 2008, o **Projeto N.O.M.E.S.** (Nomes e Olhares para a Memória e o Ensino da Shoá) que, ao longo de nove anos, desenvolveu um conjunto de atividades centradas na memória e no ensino do Holocausto.

### Diapositivo 3

O Projeto N.O.M.E.S. foi concebido tendo por base a filosofia educativa da Escola Internacional para o Estudo do Holocausto, integrada no Yad Vashem, cuja prioridade é a personificação das vítimas: dar um rosto, um nome e uma história a cada uma delas, de modo a ensinar-se o Holocausto através de relatos humanos, para que se possa perceber que não é de números que se trata quando se fala da “Solução Final do problema judeu” mas de seres humanos. Os números aqui representados pelo emblemático número de 6000000 gravado numa pedra que fotografei no Yad Vashem e os nomes pelas páginas de testemunhos preenchidas por familiares ou amigos de vítimas assassinadas pelos nazis e através das quais o Yad Vashem tem construído uma base de dados de nomes de vítimas que neste momento já ultrapassa os 4 milhões.

Realmente, quando falamos no Holocausto, o que mais impressiona de imediato é a enormidade do mal transfigurada na enormidade do número - 6000000 de judeus assassinados... e reduzidos a um número: numa lista de transporte, numa folha de contabilidade de um campo, numa tatuagem no antebraço...

No entanto, quando estive em Auschwitz no Verão de 2009, o que mais me impressionou foram as exposições de fotografias encontradas entre os pertences dos prisioneiros, guardadas como se fossem o seu maior tesouro e memória das vidas que ali desapareceram... Quem eram aquelas crianças? Aquelas mulheres e estes homens? Quem amaram? Do que gostavam? De que tinham medo? Quais seriam os seus sonhos? Como reagiram a tudo o que lhes estava a acontecer?... Como um dos nossos professores no Yad Vashem nos disse, o que é o número 6000000? Conseguimos imaginar o que são 6 milhões de pessoas? Pronto, morreram 6 milhões, é muita gente mas... Mas quando o nosso professor disse: não sei o que são 6 milhões de pessoas, mas na minha família morreram os meus bisavós, os meus avós, todos os meus tios, alguns dos meus primos... Só ficaram aqueles que tinham conseguido fugir... E aí apercebemo-nos da dimensão do genocídio, o quanto ele pode afetar a dimensão familiar do indivíduo... Como famílias inteiras desapareceram, as centenas de comunidades judaicas da Europa de Leste, todo um mundo civilizacional que desapareceu... E a importância que cada indivíduo tem, a importância de desmontar este número e recuperar as faces, as histórias, as memórias... das vítimas. Porque não é de números que se trata quando se fala da “Solução Final do problema judeu”. Perante esta evidência, como se deve então abordar a questão do Holocausto?

#### Diapositivo 4

Com uma metodologia centrada na vítima, mas também nos testemunhos dos sobreviventes, procurou-se, assim, através de diversos materiais pedagógicos construídos pelos alunos a partir de documentos e relatos pessoais, retratar a história do povo judeu e a vida dos judeus antes da Shoá, a sua vida quotidiana durante o Holocausto e o retorno à liberdade e à vida.

Mas como esta história não se fez apenas de vítimas, o enfoque da contextualização histórica também deve recair sobre os perpetradores, os observadores passivos e os Justos entre as Nações.

Sobre os perpetradores, os 100 a 200 mil que foram responsáveis pelos seis milhões de mortos judeus mas também de milhares de ciganos, homossexuais, pessoas com deficiências físicas e mentais, opositores políticos, polacos, prisioneiros de guerra, tendo-se a consciência que não eram monstros mas homens vulgares, “ordinary men” como lhes chamou o historiador Christopher Browning.

Se muitos eram SS, soldados alemães ideologicamente preparados pelo Partido Nazi, muitos eram também de outras nacionalidades e outros ainda sustentaram que apenas cumpriram ordens e procedimentos, queriam apenas ser bons soldados, porque esse era o seu dever ou porque não queriam ser vistos como cobardes nem como fracós. Mas quase todos não eram psicologicamente diferentes de nós: não eram indivíduos patológicos ou perturbados e só se tornaram politicamente activos com a ascensão de Hitler ao poder.

De facto, a maioria destes perpetradores dos crimes nazis era constituída por pessoas vulgares, cujo impulso para a acção foi apenas a obediência à autoridade e o ímpeto de seguir as massas – faziam o que lhes ordenavam e o que os outros faziam. Numa total “banalização do mal”, parafraseando Hannah Arendt, o genocídio e a tortura tornavam-se situações normais, um mero emprego, um problema técnico que tinha de ser resolvido. Por exemplo, Rudolf Hoess vivia com a sua mulher e os seus filhos numa casa muito perto do campo do extermínio de Auschwitz, enquanto foi o seu comandante e responsável pela morte de milhares de pessoas. As suas rotinas familiares eram harmoniosas, Hoess brincava com os filhos, perguntava-lhes pelos trabalhos de casa, enquanto ao lado as chaminés dos crematórios por si dirigidos expeliam vidas apagadas.

Tinham estes indivíduos escolha? Todos os criminosos de guerra julgados disseram que não. No entanto, nenhum SS nem soldado alemão que se tenha recusado a participar na morte de civis foi punido.

No entanto, como escreveu Hannah Arendt, “a triste verdade é que os maiores males são provocados por pessoas que jamais se decidiram pelo bem, ou pelo mal”. Os observadores passivos são aqueles que não agem ou não tentam agir em solidariedade com as vítimas. Indiferentes ou ignorantes, continuam as suas vidas normais num mundo de terror, permitindo que os perpetradores cometam os seus crimes. Não dizem nem que sim, nem que não, nem talvez, estão ali como se não estivessem.

Se muito do que se passou na engenharia industrial de morte arquitetada pelos nazis foi deliberadamente ocultado à generalidade da população alemã ou dos territórios ocupados, de modo a que ninguém obstruísse o metódico e administrativo processo do Holocausto, não é menos verdade que em determinadas situações o regime nazi infltiu as suas ações tendo em conta a opinião pública alemã – por exemplo, o Programa Eutanásia ou Aktion T4 (eliminação de milhares de alemães portadores de deficiências com o objetivo de preservar a raça pura ariana) foi encerrado em 1941 devido à pressão da opinião pública, nomeadamente da Igreja Católica. Porque não reagiu então a opinião pública alemã, mas também mundial, à questão judia, às Leis de Nuremberga, à arianização dos seus bens, à Noite de Cristal, à guetização, aos transportes até aos campos? Por identificação com os valores dos nazis? Por medo? Por indiferença? Por oportunismo?

Perceber quem foram estes observadores passivos para relevar que, por entre “a banalidade do mal”, houve quem se decidisse pelo bem, salvando outros.

#### Diapositivo 5

Mas se uns não reagiram, não falaram nem criticaram e alguns até ajudaram as tropas do Reich a cometer as suas atrocidades, outros, orientados pela sua consciência e por uma grande sensibilidade humana, colocaram em perigo as suas vidas para ajudar os judeus, conseguindo, deste modo, não só salvar da morte certa muitos judeus, como também preservar a dignidade humana. Num mundo onde a regra era ser observador passivo e salvar era a exceção, num determinado momento, estes homens e estas mulheres, também eles vulgares, abandonam a sua atitude passiva e decidem salvar uma vida. Por mais difícil e aterrorizador que fosse, o facto de alguns se terem convertido em salvadores demonstra que existia uma certa liberdade de escolha e que o salvamento de judeus não era uma tarefa impossível para as pessoas comuns da Europa ocupada. Os Justos entre as Nações

ensinam-nos que, seja em que circunstância for, cada pessoa pode marcar a diferença. **Raoul Wallenberg. Aristides de Sousa Mendes. Oskar Schindler. Irene Sendler.**

Dos Justos entre as Nações destacarei, para além dos 4 justos portugueses, apenas Raoul Wallenberg, o diplomata sueco que terá conseguido salvar cerca de 100 mil judeus húngaros em 1944 e a família Ulma polaca.

Na aldeia de Markowa, na Polónia, vivia o casal Josef Ulm e Victoria Pinchak que, com 35 anos de idade, tinham seis filhos estando ela grávida do 7.º, altura da sua vida em que decidiram acolher uma família de judeus sabendo que arriscariam as suas vidas (pois na Polónia oriental a pena pela protecção aos judeus era a morte dos próprios e da sua família). Em 24 de Março de 1944, a família foi surpreendida com a chegada de três camiões nazis que cercaram a residência. De imediato, todos os judeus foram assassinados e no dia seguinte o mesmo destino tiveram o casal e os seus seis filhos.

#### Diapositivo 6

Na lista, constantemente atualizada, na página do Yad Vashem, por nacionalidades surgem três portugueses como «Justos entre as Nações»: Aristides de Sousa Mendes, n.º 264, declarado Justo em 1966; Carlos Sampaio Garrido, n.º 11758, Justo em 2010 e Joaquim Carreira, n.º 12893, Justo em 2014. Já Joseph (José) Brito-Mendes aparece fora desta lista por ter sido declarado «Justo entre as Nações», em 2004, em conjunto com a esposa Marie-Louise, de origem francesa.

Aristides de Sousa Mendes é o mais conhecido dos quatro e todos conhecemos a sua história. Foi cônsul-geral em Bordéus, França e desrespeitou a ordem do Governo português de proibir a emissão de vistos ou documentos que permitissem atravessar território nacional. Quando a imprensa internacional descobriu ASM, em 1986, rotulou-o imediatamente de “Wallenberg” português. Existem semelhanças entre os dois justos mas existem também diferenças: Wallenberg atuou em conjunto com outros e com a aprovação e apoio do seu governo. ASM fez o que fez mais ou menos sozinho, constituindo provavelmente, como escreveu Yehuda Bauer, «a maior acção de salvamento por um único indivíduo durante o Holocausto» e em consciente desobediência com o governo de Salazar.

Carlos de Almeida Fonseca Sampaio Garrido, foi embaixador de Portugal em Budapeste entre 1939 e 1944 e foi nessa qualidade responsável pelo salvamento de alguns judeus húngaros, após a invasão nazi da Hungria em março de 1944, quando Eichmann decreta no espaço de poucos meses a deportação de cerca de 450 mil judeus húngaros, na sua maioria para Auschwitz. Tentando proteger alguns judeus, foi preso e considerado persona non grata pelo governo colaboracionista húngaro, tendo sido substituído por ordem de Salazar pelo encarregado de negócios Alberto Carlos de Liz-Teixeira Branquinho, que chegou a Budapeste em Junho de 1944.

Sampaio Garrido não voltou logo para Portugal. A 5 de Junho, parte para Berna, levando consigo a sua secretária judia e ali continuou a orientar o encarregado de negócios no apoio aos judeus, nomeadamente enviando-lhe listas com nomes para os quais pedia assistência e asilo na legação de Portugal. Sempre em relação com Garrido, Branquinho obteve de Salazar a autorização de atribuir passaportes portugueses a judeus húngaros, na condição de estes terem uma relação familiar, cultural ou económica com Portugal. Ao todo, foram concedidos por Portugal cerca de 1000 documentos de protecção, dos quais 700 passaportes provisórios sem indicação de nacionalidade portuguesa, conforme exigência de Salazar para que, mais tarde, a não pudessem reclamar. Juntos, e cada um à sua maneira, Sampaio Garrido e Teixeira Branquinho foram sensíveis ao sofrimento dos judeus húngaros e souberam aproveitar com coragem e inteligência as considerações de realpolitik de Salazar que o levaram sobretudo na fase final a alinhar pela política dos países neutros, numa altura em que a vitória estava já claramente do lado dos aliados. O título de "Justo entre as Nações" é largamente merecido por Sampaio Garrido e devia, na opinião de Esther Mucznik, ser extensivo a Teixeira Branquinho.

O padre Joaquim Carreira, nascido no concelho de Leiria era, em 1943, reitor do Colégio Pontifício Português em Roma. Perante a ocupação nazi, em 1943, o Padre Carreira não hesitou em arriscar a sua segurança e do próprio Colégio, acolhendo e escondendo cerca de meia centena de judeus e resistentes que corriam risco de vida e alojando mais de uma centena de mulheres e crianças em três casas religiosas de Roma.

O casal Brito Mendes é responsável pela sobrevivência de Cécile Berkovic, filha de um casal de judeus polacos residentes em França, que a confiam ao casal português naturalizado francês quando são deportados para os campos de extermínio nazis.

## **Diapositivo 7**

No cerne deste projeto sobre a memória e o ensino do Holocausto esteve, pois, sempre uma atitude reflexiva e crítica; uma metodologia geradora de empatias, sem julgamentos; um esforço pela clarificação de conceitos e a contextualização histórica; o trabalho de projeto e o trabalho interdisciplinar e a percepção de que o Holocausto não é apenas um tema judaico mas uma preocupação universal (o racismo, o negacionismo, a xenofobia, a intolerância são temas atuais, não são compatíveis com a democracia e colocam-na em perigo) – para que não o esqueçam as gerações futuras e a História não se repita.

## **Diapositivo 8**

As nove edições realizadas do Projeto foram quase sempre extremamente profícuas, tendo os trabalhos dos alunos, por diversas vezes, permitido que toda a Escola se envolvesse em prol da importância da memória do Holocausto, do respeito pela diferença e do espírito crítico. Relativamente a essas atividades e trabalhos, vou passar a apresentar-vos as várias edições do Projeto que se desenvolveram em contextos diferentes e obviamente tiveram níveis de concretização e envolvimento diversos. Por outro lado, gostaria de frisar que desenvolver um projeto desta natureza na mesma escola por tão longo período de tempo requer também a sensibilidade de se perceber que a partir de determinada altura o tema pode passar a ser banalizado ou criar saturação.

Acima de tudo, gostaria que percecionassem as diferentes experiências que vou apresentar como exemplos, como pistas, como pontes que podem continuar a ser atravessadas.

O primeiro ano do Projeto (2008/2009) ocorreu com grande dinamismo, expondo-se e trabalhando-se diversos materiais trazidos do Yad Vashem, tanto mais que o Projeto foi assumido por uma turma de Línguas e Humanidades. como o seu projeto na área curricular não disciplinar de Área de Projeto de 12.º Ano.

## **Diapositivo 9**

Sendo um dos pilares da metodologia de trabalho usada a clarificação de conceitos e a contextualização histórica, todos os anos iniciamos o trabalho com os alunos e, por vezes, com os professores intervenientes no Projeto e todos aqueles que quisessem assistir, com sessões de (in)formação. A 1.ª delas está aqui retratada nestas duas fotografias e nelas quisemos apresentar parte da aprendizagem efetuada no Seminário Internacional que tínhamos frequentado no Verão no Yad Vashem, a filosofia educativa desta Escola, assim como alguns dos materiais que tínhamos trazido.

## **Diapositivos 10 e 11**

Ao longo dos nove anos do projeto, também tentamos sempre trazer à Escola diversas pessoas que pudessem contribuir com o seu conhecimento sobre a temática para um maior enriquecimento da comunidade escolar envolvida no Projeto. Neste primeiro ano, dinamizados uma palestra com o Dr. Júlio Engelstein sobre o “Judaísmo, o povo judeu e a memória da Shoah”, dirigida para as turmas de Línguas e Humanidades do 12.º ano e a comunidade escolar e [diapositivo 11] realizamos um Debate na Biblioteca, com as mesmas turmas, sobre a temática “Depois do Holocausto escrever poesia é bárbaro?”, com os escritores Pedro Eiras e Luís Maffei.

## **Diapositivo 12**

Ao nível da memória, a 27 de Janeiro, foi sempre apanágio do Projeto evocar o Dia Internacional em Memória do Holocausto, sob diversas formas. Neste primeiro ano do Projeto, dinamizados um extraordinário Ciclo de Cinema que abrangeu todas as turmas da Escola. De manhã ou de tarde, todas as turmas viram um destes filmes, de forma completa, com a colaboração de todo o corpo docente na Escola. Os filmes foram selecionados tendo em conta o nível etário das turmas e foram antecedidos de uma breve contextualização da atividade por parte dos alunos do Projeto que foram a todas as salas ou espaços usados para o efeito apresentar a atividade e prestar apoio aos docentes que estavam com as turmas. Os filmes: A Lista de Schindler, Os Resistentes, Os Falsificadores e O Pianista foram exibidos para as turmas do Ensino Secundário, em sala de aula ou em espaços maiores, como a Biblioteca, a Sala Multimédia e o Polivalente. Os filmes: Filhos do Mesmo Deus, O rapaz do pijama às riscas e A vida é Bela foram exibidos aos alunos do 3.º Ciclo.

## **Diapositivos 13, 14, 15 e 16**

Ao longo do ano letivo e de todo o Projeto, tentamos ser apresentar à comunidade escolar diversas exposições temáticas trabalhadas pelos alunos envolvidos no Projeto, em Área de Projeto, ou outras turmas que pontualmente trabalharam o tema, que fossem apresentando ou a contextualização histórica do tema ou diferentes aspetos do mesmo. Neste primeiro ano, os alunos

trabalharam os materiais que tínhamos trazido do Yad Vashem, complementando-os. A 1.ª Exposição «E a História não termina assim...», do Yad Vashem, evocava os 70 anos da Noite de Kristall, tendo os alunos traduzido todos os cartazes que estavam em espanhol e complementado a exposição com uma cronologia, uma exposição de cartazes nazis de propaganda antisemita, entre outros materiais. [Diapositivo 14] Em dezembro, outra turma trabalhou a exposição «Isto não é brincadeira para crianças». Esta exposição, baseada numa exposição do Museu Yad Vashem, abria uma janela para o mundo das crianças durante a Shoah, tanto mais que das 6 milhões de vítimas do Holocausto, pensa-se que um milhão e meio terão sido crianças. Ao contrário de outras exposições sobre o Holocausto, não se pretendia focar a História, as estatísticas ou as descrições de violência física. Em vez disso, os brinquedos, os jogos, os trabalhos artísticos, os poemas aqui expostos pretendiam apenas chamar a atenção para algumas histórias pessoais destas crianças, fornecendo-nos um breve olhar sobre as suas vidas durante o Holocausto.

O título da exposição "Isto não é brincadeira para crianças" baseia-se numa citação do renomeado pedagogo Janusz Korczak, diretor do progressista Orfanato Judaico de Varsóvia e que morreu em 1942 em Treblinka, tendo acompanhado duzentas crianças do seu orfanato, do Gueto de Varsóvia às câmaras de gás.

[Diapositivo 15] Desta exposição, gostaria de destacar o álbum Tommy desenhado pelo artista checo Bedrich Fritta como um presente para o seu filho Thomas, pelo seu terceiro aniversário – um aniversário celebrado no livro como seria celebrado fora do gueto de Theresientadt com uma festa que incluía bolos, presentes e um palhaço. Fritta ilustrou o livro com desenhos da vida que ele recordava existir fora das paredes do gueto. Ele queria ensinar o filho sobre todas as coisas que existem num mundo normal tal como as árvores, parques, pássaros e as flores, para que um dia, no futuro, Tommy pudesse ter uma vida melhor. O livro não refletia a realidade, era um presente de otimismo. Fritta chefiava o departamento técnico do gueto, cujos trabalhadores eram artistas judeus prisioneiros no gueto. Forçados a preparar a propaganda alemã, sempre que possível secretamente documentavam a realidade das suas vidas. Fritta morreu em Auschwitz e a sua mulher Hansi morreu em Terezin. Depois da guerra, Tommy foi adoptado por Leo Hass, amigo do pai e também artista, que recuperou o manuscrito. O livro foi publicado pelo Yad Vashem em 1999, tanto numa versão para adultos como para crianças.

[Diapositivo 16] A Exposição “Prestar Testemunho” que esteve patente no Átrio da Biblioteca da Escola Secundária de Vilela até ao dia 30 de Abril de 2009, foi organizada pela turma 12.º D, no âmbito da disciplina de Área de Projecto e do Projecto N.O.M.E.S., e foi o primeiro corolário de diversas actividades desenvolvidas na escola sobre o ensino e a memória do Holocausto, e nela pretendia-se, acima de tudo, recontar, prestar testemunho sobre os hediondos acontecimentos despoletados pela Alemanha nazi entre 1939 e 1945 – desde a invasão da Polónia em Setembro de 1939, à evocação dos 6 milhões de vítimas judaicas personificadas por cinquenta nomes e olhares; por uma maquete dos principais campos de concentração e de extermínio; por um calendário contra o esquecimento e pela resistência judaica, a libertação e a árvores dos Justos entre as Nações.

#### **Diapositivo 17**

Outro trabalho extraordinário realizado por um grupo de alunos desta turma envolvida no NOMES através de Área de Projeto foi o documentário “Para cada pessoa há um nome”. Este recorre a uma seleção de filmes acerca do Holocausto, baseados em casos reais e histórias fictícias, para retratar a vida dos judeus desde a Primeira Guerra Mundial até ao final do Holocausto. Mais do que ser um documentário, esta compilação de filmes pretende sensibilizar o espectador, mostrando-lhe os diversos contornos deste terrível episódio que marcou a História da humanidade. Os alunos redigiram um guião, visionaram dezenas de filmes à procura de excertos, fizeram a edição vídeo, foram ao Porto gravar a narração e de todo este trabalho resultou um produto pedagógico excepcional já usado em diversas escolas para mostrar este episódio de “banalidade do mal”, como retratou Hannah Arendt, que não deve ser esquecido, uma vez que poderá repetir-se, e que, mais uma vez, mais do que evocar os números do genocídio, procura dar-lhes um nome, um rosto, uma história... ainda que fictícios!

#### **Diapositivo 18**

Durante os 9 anos deste Projeto, também tentamos, sempre que possível, levar os alunos a locais significativos sobre a temática em estudo. No primeiro ano, fizemos uma visita de estudo a Belmonte, Sortelha e Sabugal, à procura das raízes escondidas do Judaísmo em Portugal.

#### **Diapositivo 19**

Por fim, o Projeto foi apresentado a toda a comunidade educativa e escolar, com a realização da I Exposição e Colóquio “Memória, Europa e Holocausto” na Casa da Cultura de Paredes e que contaram com a presença da Dr.ª Esther Mucznik, Presidente da

Memoshoá e que apresentou a comunicação “Holocausto, como foi possível?; do Dr. Adriano Vasco Rodrigues, professor da Universidade Portucalense e que apresentou a comunicação “Recordando os refugiados entrados por Vale Formoso fugidos dos nazis” e da Dr.ª Manuela Franco, investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa, que apresentou a comunicação “O Holocausto e o fim de um Mundo Europeu”. Não é demais relembrar que todo este projeto desenvolvido ao longo do ano letivo e que culminou nesta apresentação pública só foi possível graças, também, a um intenso trabalho colaborativo e interdisciplinar de diversos docentes da Escola.

### **Diapositivo 20**

No 2.º ano do Projeto, felizmente, continuamos a poder contar com a área curricular não disciplinar de Área de Projeto de 12.º ano e duas turmas de Línguas e Humanidades abraçaram o Projeto como seu, para além de conseguirmos envolver outras turmas e outros docentes, em projetos interdisciplinares, bem como outros alunos que trabalhavam comigo em contexto extracurricular. Foi neste ano que obtivemos o reconhecimento do Yad Vashem - Escola Internacional para o Estudo do Holocausto (Jerusalém) quanto à sua importância e pertinência no âmbito do ensino e a memória do Holocausto, mediante a atribuição do primeiro subsídio ICHEIC (1500 USD) a um projeto pedagógico português sobre a temática.

### **Diapositivo 21**

Uma das primeiras atividades nesse ano, foi a exposição “Dos Vidros Partidos ao Silêncio da Memória”, dinamizada pelos alunos do 12.º C, do Curso de Línguas e Humanidades, no âmbito da disciplina de Área de Projecto e que tinha por objetivo a evocação dos 71 anos da «Noite de Cristal». Esta Exposição era constituída por um cartaz e cinco espanta-espíritos com fotografias que representam, por sua vez, as diferentes etapas do Holocausto: a «Noite de Cristal»; a guetização dos judeus e a «Solução Final do Problema Judeu» através dos campos de extermínio; o pós-guerra e o desespero dos sobreviventes e, finalmente, a situação (quase ausente) do Judaísmo na Polónia atual. Para esta Exposição, os alunos do 12.º C prepararam também uma pequena atividade pedagógica a desenvolver com os alunos do 9.º ano que englobava uma visita guiada à Exposição, durante a aula de Formação Cívica; um pequeno debate a partir do conteúdo e do título da Exposição e a resposta a um breve inquérito de avaliação da atividade.

### **Diapositivo 22**

Tendo por base as palavras daqueles que testemunharam a barbárie e lhe sobreviveram, a turma do 12.º D também no âmbito da disciplina de Área de Projecto, preparou a actividade "Um testemunho bate-lhe à porta" para evocar o Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto e o 65.º Aniversário da Libertação de Auschwitz.

Assim, neste dia, os alunos do 12.º D bateram à porta da sala de aula de todas as restantes turmas da Escola, procedendo de seguida à contextualização do evento e à leitura de excertos de testemunhos de sobreviventes do Holocausto. No final, para que a reflexão acontecesse e permanecesse, alunos e professores foram convidados a debater a temática, sendo também entregue um crachá ao delegado e ao subdelegado de turma assim como a todos os professores, crachá esse especialmente concebido para o efeito (como um símbolo deste dia) pela turma de Design Gráfico da Escola Secundária de Vilela (de novo, a interdisciplinaridade a funcionar). Juntamente com o crachá será ainda entregue um marcador de livros, elaborado pelo 12.º D, para que a memória seja capaz de combater a indiferença...

### **Diapositivo 23**

Entretanto, em trabalho extracurricular, alguns do 8.º e 9.º anos inscreveram-se no Ciclo de Estudos “A rapariga do Gueto”, que tinha por base a leitura do livro biográfico de Janina Bauman, sobrevivente do Gueto de Varsóvia. Neste Ciclo de Estudos, concretizaram-se as seguintes atividades: a construção de uma maquete do gueto de Varsóvia com a localização de algumas das casas onde Janina Bauman viveu durante a 2.ª Guerra Mundial e a construção de um mural com a biografia de Janina. Os alunos ainda iniciaram a elaboração de algumas fichas pedagógicas sobre o livro “A rapariga do Gueto” mas devido à época final de avaliações este trabalho não ficou concluído.

### **Diapositivo 24**

Os alunos do 11.º I, em Design Gráfico, conceberam um material pedagógico, em forma de folheto, tendo como ponto de partida breves conteúdos ou alguns conceitos relacionados com o Holocausto. Foram produzidos cerca de 20 projetos, tendo a equipa de docentes selecionado dois como os mais interessantes e proposta aos alunos a fusão das duas ideias.

O resultado foi um excelente folheto pedagógico sobre a Shoá, intitulado “As três faces do Holocausto”, do qual se fez uma edição de 300 exemplares, que foi distribuída a todos os participantes do II Colóquio “Memória, Europa e Holocausto”, no dia 12 de Maio de 2010, bem como aos participantes do I Seminário de Formação da Memoshoá «Ensinar o Holocausto, como e para quê?», nos dias 26 e 27 de Junho de 2010, no Espaço Memória dos Exílios, no Estoril.

#### **Diapositivo 25**

Entre os diversos trabalhos dinamizados pelos alunos em Área de Projeto ao longo do ano, ou apenas destacar alguns: a Operação “Aqui também vivemos a guerra” envolveu dois grupos de trabalho, um de cada turma de Área de Projeto, que realizaram um projeto de história oral e local sobre o impacto da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial na vida dos portugueses e os conhecimentos que tinham ou não sobre a questão do Holocausto na época e atualmente, através de um inquérito à população mais idosa portuguesa (uma amostra de população da área geográfica de influência da escola, outra amostra da área geográfica do Porto) que viveu durante o tempo da guerra. O resultado foi a produção de um poster comparativo com as conclusões mais relevantes do estudo efetuado e que também integrou a II Exposição “Memória, Europa e Holocausto”.

#### **Diapositivo 26**

Outros dois grupos de trabalho, um de cada turma, realizaram a operação “Olhares diversos sobre a Shoa”, um projeto de intercâmbio multicultural e história comparativa sobre a memória do Holocausto, mediante contacto dos alunos portugueses com estudantes estrangeiros (residentes no estrangeiro ou estudantes Erasmus a residir em Portugal), por via eletrónica ou presencial. O objetivo era produzir um estudo comparativo sobre conceitos relacionados com o Holocausto, o ensino do Holocausto, a importância da memória do Holocausto... em diferentes países, tendo-se assim produzido três posters com as conclusões do estudo que também integraram a II Exposição “Memória, Europa e Holocausto”. Dadas as dificuldades no estabelecimento de contacto com os alunos Erasmus apenas se conseguiram realizar inquéritos a 3 estudantes de diferentes nacionalidades (alemã, austríaca e polaca).

#### **Diapositivo 27**

Outro projeto importante foi a exposição «À procura de 6 em 6 milhões», produzida por dois grupos de alunos do 12.º ano, no âmbito da área curricular não disciplinar de Área de Projeto. Este trabalho baseou-se e seguiu o exemplo do livro “Os desaparecidos – À procura de 6 em 6 milhões” de Daniel Mendelsohn, onde este narra os anos de busca para reconstituir a história de 6 membros da sua família, desaparecidos no Holocausto. A nossa tarefa consistiu na elaboração de um projeto de recuperação da memória de seis pessoas em seis milhões, todas judias, que morreram no Holocausto, através do contacto com um familiar dessas pessoas que vivesse em Portugal ou falasse português, por via eletrónica. Com a informação recolhida (memórias pessoais dos familiares, fotografias, documentos pessoais, consulta documental em arquivos online) os alunos construíram uma exposição com 26 cartazes, onde a memória destas pessoas foi recuperada, tendo sido também produzido e disponibilizado ao público um catálogo da referida exposição.

Foram contactadas duas pessoas residentes em Portugal e três residentes no estrangeiro (França, Israel e Brasil), tendo-se reconstituído a história de vida de 7 pessoas que desapareceram no Holocausto.

#### **Diapositivo 28**

Aqui estão as seis pessoas, que afinal são sete e acabaram por representar cinco histórias contadas em 26 cartazes: Lilly Brodheim cuja história nos foi contada pela sobrinha Vally Brodheim; Walter Kahn, cuja história nos foi contada pela neta do irmão gémeo de Walter, Betina Lerner; Cacillie e Moritz Gadiel cuja história nos foi relatada pelo seu bisneto Ralph Bernfeld; Esther e Léa Milgram cuja história nos foi contada por Avraham Milgram, seu meio irmão; e Kaethe Rosenfelder cuja história nos chegou através da sua neta Mónica Waitzfelder.

#### **Diapositivo 29**

Das memórias de vida recuperadas, aqui destaco apenas a história das crianças Léa e Esther Milgram. Léa e Ester são irmãs e foram apenas duas entre o milhão e meio de crianças que perderam as suas vidas na barbárie nazi. Nasceram em Lipsko, numa cidadezinha da Polónia, e tinham mais um irmão, Ozer. Esther e Léa nasceram numa família de judeus polacos muito numerosa, religiosa e tradicional, conforme os costumes e padrões das cidades pequenas do leste europeu.

Luís, pai das meninas emigra para a Bolívia em janeiro de 1939, pois apercebe-se que o clima vivido no país não é o melhor. No entanto não consegue vistos para a sua esposa e filhos, o que, de certa forma, os levou ao trágico fim que tiveram: morreram nas câmaras de gás do campo de extermínio de Treblinka.

O pai de Léa e Esther permaneceu na Bolívia durante todo o período da guerra e só veio a saber do destino trágico dos seus pais, irmãos, tios, primos, esposa e filhos depois de terminado o conflito (os outros 4 filhos dos seus avós, Herschel, Motl, Israel e Szimon, também permaneceram na Polónia e, destes, apenas Szimon sobreviveu ao extermínio dos judeus).

O trauma de Luís, pela perda da quase totalidade de sua família, fez com que se calasse a respeito dos seus familiares mais próximos. A dor que sentia era profunda, pelo que nem ao seu filho Avraham foi capaz de contar o que acontecera à sua família, situação muito comum que ocorreu com outros judeus que perderam as suas famílias durante a Segunda Grande Guerra.

Assim, pouco mais se sabe sobre Léa e Esther. Não se sabe com que brincadeiras ocupavam os seus dias, se já sabiam ler e escrever, se eram inquietas ou obedeciam de imediato aos pedidos da mãe Miriam, nem quantos beijos deram ao pai Eliezer (Luís) quando este partiu.

Sobre o seu destino final, sabe-se apenas o tipo de consequências que a família sofreu, como as restantes famílias judaicas de Lipsko, com a ocupação alemã a partir de 9 de Setembro de 1939: pilhagens, destruição das casas, trabalhos forçados, um medo constante. Que terão sentido Léa e Esther quando a família foi obrigada a ir viver, em 12 de Maio de 1941, para o gueto constituído nas ruas do centro da cidade? E quando o gueto foi cercado pelos soldados alemães e ucranianos, em Outubro de 1942, e todos os judeus foram conduzidos para a estação de Jasicach, desconhecendo o seu terrível destino? E como teriam sido aqueles dias no gueto de Tarlow, onde tiveram de permanecer com mais 7000 judeus? E a viagem final, a 29 de Outubro de 1942, em comboios para transporte de gado, até Treblinka?

Léa e Esther Milgram morreram, provavelmente, nas câmaras de gás de Treblinka, naquele mesmo dia 29 de Outubro de 1942. Queremos acreditar que pelo menos estariam junto da sua mãe, talvez agarradas ao seu pescoço, e que esta as tentou acalmar com um sorriso roubado ao pânico que realmente sentia enquanto segurava ainda com mais força o pequeno Ozer nos seus braços.

Avraham Milgram é fruto do segundo casamento de Luís e foi ele que nos concedeu, de coração aberto e apesar do silêncio que o seu pai sempre manteve sobre o assunto, todas estas informações que agora vos passamos. Ler testemunho.

### **Diapositivos 30 e 31**

Este trabalho dos alunos foi apresentado publicamente no final do ano letivo 2009/2010, na Casa da Cultura de Paredes, por ocasião do [Diapositivo 31] II Colóquio sobre a temática «Europa, Memória e Holocausto», onde para além das palestras de convidados foram apresentados à comunidade educativa e local os resultados do trabalho dos alunos. Refira-se, também, que este trabalho esteve, em exibição na Fundação Calouste Gulbenkian, como exemplo do trabalho pedagógico realizado nas escolas portuguesas, por ocasião do Colóquio Internacional «Portugal e o Holocausto» e foi exposto em diversas escolas do país ao longo de vários anos letivos.

### **Diapositivo 32**

No 3.º ano do Projeto, a intenção era, depois de meses de leituras, de pesquisa, de reflexão, de trabalho e de crítica, em Área de Projeto, possivelmente depois de meses de intercâmbio virtual com os alunos do Liceum Ogólnokształcące im. B. Nowodworskiego de Cracóvia, levar os alunos das turmas 12.º D e 12.º E, a Auschwitz, na Polónia, e fazê-los passar sob a inscrição “Arbeit mach Frei” em direção aos Blocos de Auschwitz I e debaixo da torre da entrada de Birkenau e tentar que absorvessem o inimaginável que ali aconteceu. O projeto deste ano foi, pois, sustentado sobre esta intenção, mas circunstâncias e as condições necessárias à sua realização não permitiram que esta intenção se concretizasse em realidade. Se literalmente não conseguirmos entrar em Auschwitz, metaforicamente foi nosso objectivo conhecer, lembrar e fazer lembrar este lugar onde foram cavados túmulos nos ares (excerto do poema “Fuga da Morte” de Paul Celan).

Auschwitz funcionou como um ponto de partida mais do que como ponto de chegada; foi o elemento unificador de todo o projeto, quer enquanto rigoroso percurso de pesquisa histórica (O Contexto Histórico e O Campo) quer enquanto espaço mobilizador de reflexão e memória; foi o pretexto, como um dos exemplos mais significativos do universo concentracionários dos Lagers nazis, para se conhecer as vítimas, os perpetradores, os observadores passivos e os Justos entre as Nações e todos os dilemas morais que uns sentem e outros ignoram (As Vítimas, Os Dilemas e A Memória).



## Diapositivos 33 e 34

Apesar de não ter sido possível concretizar a visita de estudo a Auschwitz (a equipa responsável pelo Projeto tomou a decisão, no início de Janeiro, de desistir da mesma, dado que todos os contactos estabelecidos para a angariação do financiamento necessário para a realização da visita foram infrutíferos), todas as restantes atividades planeadas foram concretizadas, a saber: no dia 27 de Janeiro de 2011, realizou-se na nossa escola a atividade “Ver, Ouvir e Sentir... o Holocausto”. Esta atividade teve como objetivo a evocação do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto. Neste sentido, foi inaugurada, na biblioteca, a instalação “A Linha” sobre Auschwitz II, simbolizando esta também os outros campos de morte Nazis. No átrio do bloco D esteve presente, para toda a comunidade escolar, uma exposição de fotos com episódios dramáticos sobre o Holocausto, retiradas do Álbum de Auschwitz, bem como seis fotos e respetivas biografias de Seis Justos entre as Nações em Auschwitz.

[Diapositivo 34] Esta atividade teve o seu ponto alto na tarde deste dia, no encontro com o escritor Richard Zimler sobre “A Literatura, o Judaísmo e a Memória do Holocausto”, com moderação do Dr. João Paulo Sousa. Neste encontro participaram alunos do 12.º D e E, bem como outros alunos, docentes e não docentes, da comunidade escolar e fora dela.

## Diapositivo 35

Em termos de dinâmica de projeto, dois grupos de trabalho, um de cada turma de Área de Projecto envolvida no Projecto, pesquisaram, ao longo do ano letivo, em diversas fontes, sobre os campos de Auschwitz I e II: história, localização (mapas, plantas, fotos), organização do espaço, organização militar, categorias de prisioneiros, e cada grupo construiu uma maquete do respetivo campo e elaborou um diaporama sobre o mesmo.

## Diapositivo 36

Outro trabalho consistiu na redação de Diários de jovens polacos, nos finais dos anos 30. Três grupos de trabalho, dois da turma 12.º E e um da turma 12.º C, pesquisaram informação rigorosa, em diversas fontes, sobre três localidades próximas dos campos de Auschwitz (Oswiecim, Cracóvia e Brzezinka), no final dos anos 30 do séc. XX: história, realidade sociológica, geografia, economia, toponímica, acontecimentos durante a 2.ª Guerra Mundial e criaram uma personagem, jovem polaco, não judeu, cuja vida ficcionada devia respeitar os factos históricos, sociológicos e geográficos da época. O resultado deste trabalho foi a redação de três diários (“Uma nova visão atrás da cortina”; “Até logo, Usco” e “Reencontro adiado”) que fizeram parte dos materiais pedagógicos apresentados à comunidade educativa na Apresentação Pública “Marcas de Auschwitz”, no final do ano letivo.

## Diapositivos 37 e 38

Tendo por base exemplos apresentados criados por designers israelitas, um grupo de trabalho da turma 12.º E concebeu uma coleção de 11 postais à volta de conceitos visuais sobre a memória do Holocausto. [Diapositivo 38] Por exemplo, pegando-se no conceito visual de ângulo, os alunos expuseram os três ângulos da visão do Holocausto que a metodologia do Yad Vashem preconiza, o das vítimas, o dos perpetradores e dos Justos entre as Nações.

## Diapositivo 39

Durante o ano letivo, um grupo de trabalho da turma 12.º D leu, traduziu, analisou e encenou a excelente peça de teatro Los Dilemas del Profesor Heyman de Nicolás Paz Alcalde.

## Diapositivo 40

No final do ano letivo, os alunos envolvidos no Projeto fizeram a apresentação pública do seu trabalho à comunidade, de novo na Casa da Cultura de Paredes.

## Diapositivo 41, 42 e 43

No 4.º ano de edição do Projeto, o desaparecimento da área curricular não disciplinar de Área de Projeto impôs um condicionalismo de mudança ao próprio Projeto que sempre se sustentara neste espaço de dinamização. Assim sendo, o esforço para o ano letivo 2011/2012 foi o de recentrar o Projeto numa temática específica dentro do estudo e da memória do Holocausto - Inocência perdida: as crianças e os jovens sob o Nazismo - numa perspetiva, essencialmente, de trabalho do aluno para a aula de História (ou de Sociologia ou de Geografia C).

De que forma a vida das crianças e dos jovens foi afetada pela ascensão do Nacional-Socialismo? Das crianças e dos jovens alemães, em prol de uma educação especial dispensada a quem era considerado superior. Das crianças e dos jovens judeus, perante a permanente luta pela sobrevivência que o Holocausto condicionava, perante a crescente tensão entre a tentativa de

preservarem a infância e o amadurecimento precoce, resultante da exposição a condições difíceis e devido às mudanças dos papéis familiares e do seu lugar na sociedade num mundo em desintegração.

[Diapositivo 42] Depois da comemoração do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto, a 27 de janeiro de 2012, com o ciclo de cinema “Inocência perdida: as crianças e os jovens sob o Nazismo”, direcionado para as turmas intervenientes no Projeto e da contextualização histórica e metodológica inicial propiciadora de momentos de reflexão crítica, através de sessões de formação aos alunos do 12.º ano e da apresentação e visita guiada à Exposição “Isto não é brincadeira para crianças” do Yad Vashem aos alunos do 9.º ano, foram apresentadas aos alunos seis ideias base para o desenvolvimento do trabalho ao longo do ano letivo, a saber: [Diapositivo 43] Os alunos de 9.º ano ainda elaboraram alguns pequenos trabalhos ao longo do ano letivo mas o desaparecimento da disciplina de Área de Projeto no 12.º Ano inviabilizou um trabalho mais sistemático e aprofundado com este grupo de alunos, tendo resultado na não concretização dos trabalhos finais destes alunos. [Diapositivo 44] Foi, no entanto, também neste ano letivo, que o projeto ganhou uma nova identidade visual, concebida por uma aluna do Curso Profissional de Design Gráfico, como a sua Prova de Aptidão Profissional.

#### Diapositivo 45

Na 5.ª edição do Projeto pretendeu-se manter a intenção iniciada no ano letivo anterior de recentrar o Projeto numa temática específica dentro de estudo e da memória do Holocausto – **Portugal e o Holocausto** – mas agora numa perspetiva, essencialmente, de trabalho extracurricular do aluno.

#### Diapositivos 46 e 47

Depois de uma contextualização histórica e metodológica inicial, estes alunos evocaram o 27 de janeiro através da atividade «Pode acontecer de novo». Em todas as salas de aula da escola, foi colocado um envelope contendo uma carta que contextualizava a atividade que começava pelo visionamento do vídeo «Pode acontecer de novo», produzido pelo Projeto. Depois de visionarem o vídeo alunos e professores foram convidados, na medida do que lhes era possível, a refletir sobre a temática do Holocausto, tendo por base um conjunto de atividades, para que a memória seja capaz de combater a indiferença...

[Diapositivo 47] Ainda integrada na evocação do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto decorreu, na Biblioteca da ESV, uma sessão de apresentação do livro «Portugueses no Holocausto» de Esther Mucznik, com a presença da autora e dinamizada pelos alunos que frequentam o Projeto N.O.M.E.S.

#### Diapositivos 48 e 49

Durante esse ano letivo, os alunos desenvolveram, em trabalho de pares, um projeto de recuperação da memória de oito pessoas que sobreviveram/fugiram ao Holocausto, passando por Portugal, através do contato com o próprio sobrevivente ou um familiar dessas pessoas, por via eletrónica, tendo em vista a realização de uma nova grande exposição.

[Diapositivo 49] O objetivo era recontar a história de vida dessas pessoas através das suas memórias pessoais ou dos familiares, de fotografias, cartas ou outra documentação. Assim, todas as histórias tiveram como ponto de partida depoimentos ou entrevistas (telefónicas ou eletrónicas) feitas aos protagonistas ou seus familiares e amigos. Para além destes testemunhos diretos, os nossos colaboradores cederam-nos uma série de fotografias e documentos digitalizados para ilustrarem os nossos cartazes. De seguida, efetuamos diversas pesquisas bibliográficas e online sobre os nossos retratados e as cidades onde viveram, bem como contactamos algumas entidades (Arquivo Municipal de Solingen; Câmara Municipal de Oeiras, Comunidade Israelita de Lisboa) para confirmar determinado tipo de informação e aprofundar as histórias que estávamos a preparar. Por fim, passamos à reconstituição histórica dos factos e à composição gráfica dos cartazes.

#### Diapositivo 50

Estas pessoas são Ruth Arons, Yvette Davidoff, Henrique e Matilde Feist, Bernard Krisher, Nella Maissa e Walter e Brunhilde Weinreb. A história de Ruth Arons foi-nos contada pela própria, a de Yvette Davidoff pelo seu amigo Dr. Samuel Levy, a de Henrique e Matilde Feist pela sua filha Renata Feist, a de Bernard Krisher pelo próprio diretamente do Japão, a de Nella Maissa pelo seu filho Ricardo e a de Walter e Brunhilde Weinreb pelo seu filho Peter, residente na Bélgica.

#### Diapositivo 51

Como exemplo de uma das histórias, apresento apenas a síntese do processo e da história de Henrique e Matilde Feist que nos foi contada pela sua filha, através de depoimentos eletrónicos em resposta a questões por nós colocadas. A Dr.ª Renata enviou-

nos também um conjunto de materiais como fotografias e documentos tais como passaportes da época e um discurso proferido num jantar de família, em Solingen.

Ao longo deste processo, tivemos também a colaboração de outros membros da família Feist que, por exemplo, corrigiram o nosso texto e traduziram as inscrições em hebraico dos túmulos de Henrique e Matilde Feist que se encontram no Cemitério Israelita de Lisboa.

A história de Heinz Herbert (Henrique após a naturalização portuguesa), judeu natural de Solingen, na Alemanha e de Maria Matilde, portuguesa e católica, é uma deliciosa história de amor que começa num baile de Carnaval do Clube Alemão, em Lisboa, em 1930.

Casados em 1936, Henrique e Matilde vão viver para Solingen, na Alemanha, mas face à intensificação da pressão nazi sobre os judeus o casal resolve que o primeiro filho iria nascer em Portugal e mudam-se para o nosso país. No início de 1939, o mesmo acontecerá com os pais de Henrique após os trágicos acontecimentos da Noite de Cristal. No entanto, vários elementos da sua família pereceram no Holocausto.

Henrique e Matilde terminaram a sua história de amor juntos, no Cemitério Israelita de Lisboa, onde no túmulo de Matilde se pode ler «Judia por amor».

### **Diapositivos 52 e 53**

A exposição «Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Memórias de um Paraíso em Tempo de Guerra», que teve o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian, sem o qual não teria ultrapassado a sua forma digital, foi apresentada no final do ano letivo na escola com a presença da Dr.<sup>a</sup> Renata Feist que partilhou com o público a história dos seus pais, Henrique e Matilde Feist, bem como um conjunto de documentos de grande valor histórico, tais como um passaporte alemão de 1938 do seu avô onde ainda se pode ler os infames «J» e «Israel» a vermelho que atestam a perda da cidadania alemã ou um catálogo de 1900 da Fábrica Ómega, empresa de artigos de ménage da família. Esta exposição depois teve várias apresentações externas [Diapositivo 53], na Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito do assinatura do Protocolo de Cooperação sobre Educação, Investigação e Memória do Holocausto em Portugal e em França” entre a Memoshoá - Associação Memória e Ensino do Holocausto (Portugal) e o Memorial de la Shoah (França); na Assembleia da República, no âmbito da evocação do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto ou Espaço Memória dos Exílios em Cascais.

### **Diapositivo 54**

Na sexta edição do projeto, no ano letivo 2013/2014, em trabalho extracurricular dos alunos, tentou-se desenvolver um Projeto de Parceria eTwinning envolvendo esta Escola, uma escola italiana (ITIS "Panella-Vallauri") e uma escola polaca (I Liceum Ogólnokształcące im. Juliusza Słowackiego w Częstochowie), subordinado ao tema «The Holocaust Memory». Neste âmbito, as três escolas estudaram a história das comunidades judaicas das respetivas cidades – Porto, Reggio Calabria e Częstochowa – antes da II Guerra Mundial, durante a II Guerra Mundial e na atualidade. No caso de Vilela, 8 alunos do 10.º Ano desenvolveram um trabalho de pesquisa sobre as seguintes temáticas: – Origem e História até ao início do séc. XX. – A Obra do Resgate do Capitão Barros Bastos. – Judeus do/no Porto durante a II Guerra Mundial. – A Comunidade Judaica do Porto na atualidade. Neste âmbito, realizaram-se os seguintes passos: contato com responsáveis da Sinagoga do Porto, onde realizamos uma visita guiada e nos encontramos com a neta do Capitão Barros Basto; recolha de documentação e fotografias; pesquisas online; redação dos textos; elaboração de 4 apresentações eletrónicas e tradução dessas apresentações para inglês. Estas apresentações foram colocadas no espaço eTwinning, no blogue do Projeto eTwinning e no blogue do Projeto N.O.M.E.S. Para além deste trabalho, os alunos realizaram uma apresentação eletrónica sobre o grupo e a Escola e uma cronologia online sobre a História da Comunidade Judaica do Porto (em inglês).

No ano letivo seguinte, o Projeto teve uma espécie de interregno, devido a circunstâncias profissionais que me impossibilitavam de ter alunos em tempo extracurricular, ainda que nunca estivesse totalmente estagnado. As duas exposições continuavam itinerantes e foram dinamizadas algumas palestras noutras escolas.

### **Diapositivos 55, 56 e 57**

Na oitava edição do Projeto, [Diapositivo 56] para além da evocação do «Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto», onde realizamos uma sessão de apresentação dos livros «Portugueses nos Campos de Concentração Nazis» de Patrícia Carvalho e «Perguntem a Sarah Gross» de João Pinto Coelho, com a presença dos autores e dinamizada pelos alunos

que frequentam o Projeto N.O.M.E.S. pretendeu-se de novo recentrar o Projeto numa temática específica dentro de estudo e da memória do Holocausto e da II Guerra Mundial, neste caso a questão dos «Portugueses nos Campos de Concentração Nazis» – numa perspetiva, essencialmente, de trabalho extracurricular do aluno. [Diapositivo 57] Assim, 10 alunos do 9.º Ano e 3 alunas do 12.º Ano trabalharam semanalmente para a realização da exposição «Deportados portugueses na II Guerra Mundial. Do internamento em França aos campos de concentração nazis».

Esta exposição é o produto final de um projeto de reconstituição histórica da vida de sete portugueses que foram deportados de França para os campos do Terceiro Reich, tendo por base o trabalho de investigação da jornalista Patrícia Carvalho, através do contacto de um grupo de alunos com familiares dessas pessoas e os arquivos europeus. Estas pessoas são André de Sousa, Domingos da Cunha, Júlio Laranjo, Luiz Ferreira, Maria d’Azevedo, Michael Fresco e Ricardo Lopes. Esta Exposição em formato real só foi possível devido ao apoio da Câmara Municipal de Paredes, que a financiou quase na totalidade.

#### **Diapositivo 58**

Apenas como exemplo e porque daqui a pouco voltaremos à sua história, apresento apenas o processo de investigação da história de Richard Lopes, que nasceu a 8 de outubro de 1888, em Lisboa, e que foi deportado para os campos de concentração de Neuengamme e Bergen-Belsen. A sua passagem pelos campos nazis já tinha sido identificada no livro de Patrícia Carvalho, no entanto, esta quase nada descobrira sobre os pormenores da sua vida que o tinham conduzido a esta situação. Conseguimos colmatar esta ausência de informação através de documentos que nos foram concedidos pelo Memorial e Museu do Holocausto dos Estados Unidos e pelo Polo de Arquivos das Vítimas dos Conflitos Contemporâneos de França, bem como através de informação fornecida por uma neta de Richard Lopes, Patrícia Lopes Martinez, que encontramos por pesquisas no Facebook.

#### **Diapositivo 59**

Mais uma vez, esta exposição foi apresentada à comunidade escolar no final do ano, na Escola, e depois iniciou a sua itinerância com algumas apresentações externas, na Câmara Municipal de Paredes, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e de novo na Assembleia da República, na evocação do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto, em janeiro de 2017 e empréstimos a outras escolas e instituições.

#### **Diapositivos 60 e 61**

Na última edição do Projeto, desenvolveram-se pequenos trabalhos de grupo, em contexto de trabalho extracurricular dos alunos, tendo em vista a participação no Concurso «Contar o Holocausto» dinamizado pela Memoshoá em parceria com a Direção-Geral da Educação (DGE) e finalmente realizamos a visita de estudo «A minha Escola vai a Auschwitz», onde participaram 25 docentes e 10 alunos, sob a orientação do historiador Ricardo Presumido da Memoshoá. Infelizmente, devido à única data disponível para a visita coincidir com as vésperas dos Exames Nacionais, não foi possível levarmos alunos do 11.º e 12.º anos nesta visita.

#### **Diapositivo 62**

Aqui chegados, depois deste longo percurso, espero ainda que tenhamos tempo para a componente prática deste ateliê pedagógico. Neste segundo momento, pretende-se colocar os formandos em contacto com a tipologia de fontes utilizadas no trabalho de reconstituição histórica que originou duas das três exposições mais representativas do Projeto, bem como explorar algumas das bases de dados online de arquivos internacionais sobre a temática do Holocausto.

#### **Diapositivo 63**

O primeiro exemplo prático que gostaria que vocês explorassem é o exemplo da história de Lilly Brodheim da exposição «À procura de 6 em 6 milhões».

O nosso ponto de partida era este: Valy (Valerie) Brodheim, a familiar (sobrinha) que nos ajudou na recuperação desta história pessoal, pouco sabia sobre Lilly. Havia uma foto que o pai (Erich) sempre conservara, uma lista com os nomes de pessoas com o apelido Brodheim que viviam em Viena e desapareceram durante o Holocausto (impressa pela própria Valy no Museu Judaico de Viena, onde constava o nome de Lilly Brodheim e o local para onde fora deportada em 1941) e a memória muito longínqua de uma viagem a Viena com o pai, aos 17 anos de idade, aos lugares da sua juventude. E pouco mais.

## Diapositivo 64

O que eu gostaria que vocês fizessem neste momento era explorar as bases de dados que consultamos para verificar o que encontram sobre Lilly Brodheim, se existem informações extra às que a familiar nos contou. Se sim, que informações são essas?

Na Base de Dados sobre os nomes das vítimas do Holocausto pesquisar: Brodheim e encontrar Lilli.

Outras pesquisas: Portugal; Michael Fresco; outras pesquisas que queiram fazer.

Base de Dados das Deportações: Opole (obtem-se a morada em Viena)

Base de Dados do Centro de Documentação e Resistência austríaca: Brodheim – há um novo documento (lista do transporte onde consta o nome de Lilly) e mais informação sobre o gueto de Opole;

Base de Dados do USHMM: Brodheim, Lilli – no 2.º link, referência a um relatório da Gestapo. Onde encontrá-lo? Para além de se poder pedir diretamente ao USHMM, estes relatórios podem agora encontrar-se online.

Base de Dados dos relatórios diários da Gestapo de Viena (se falhar o link, deve ficar com a terminação basicsearch ou enviar o ficheiro): brodheim (página 4), tentar traduzir no google tradutor.

Am 13.6.1941 wurde die Jüdin

Lilly Sara Brodheim,  
Hilfsarbeiterin, am 23.2.1917 in Wien geb.,  
DRA., mos., led., Wien VI., Gumpendorfer-  
str. 118 a wh.,

in Haft genommen, weil sie ohne Genehmigung aus dem General-  
gouvernement, wohin sie am 15.2.1941 evakuiert worden ist,  
nach Wien zurückkehrte. Sie wurde in das Polizeigefängnis  
eingeliefert und wird mit dem nächsten Schubtransport nach Kra-  
kau zurückgestellt.

Presa a 13.06.1941 uma judia

Mulher trabalhadora útil

Ela foi presa porque regressou a Viena sem permissão do Governo Geral, para onde foi evacuada em 15.2.1941. Ela foi levada para a prisão policial e será devolvida a Cracóvia no próximo dia.

Lilly nasceu em Viena e tinha 22 anos quando rebentou a 2ª guerra mundial. Ao longo deste trabalho, fomos acrescentando pormenores àquilo que Valy sabia sobre Lilly: moradas; o nome de uma escola que ela frequentou; a lista de deportação para o gueto de Opole, onde constavam os nomes de Lilly e dos seus pais; e o relatório da Gestapo relativo à prisão de Lilly de novo em Viena, aspeto biográfico que a sua tia Valy veio a descobrir com a nossa pesquisa. Lilly fugiu do gueto de Opole e regressou a Viena, onde foi presa pela Gestapo no dia 13 de Junho de 1941. Não se conhecem as circunstâncias em que o fez, se fugiu sozinha ou acompanhada, onde se escondeu, quem a denunciou. Percebe-se, no entanto, que Lilly não se resignou ao destino que os nazis lhe queriam impor e que tentou lutar pela sua sobrevivência. Depois disso, não se sabe muito mais sobre o paradeiro de Lilly, apenas que foi deportada para perto de Cracóvia. No cartaz, poderão ver e ler mais detalhadamente a história de vida e de morte de Lilly, assim como da sua família. Também poderão conhecer a história de comunidade judaica de Viena.

## Diapositivos 65 e 66

Ponto de partida o que sabia Patrícia Carvalho sobre Domingos da Cunha.

Pesquisa no USHMM: Domingos Cunha; entrega da documentação;

ITS, Arquivo francês e Neuengamme: pesquisar Portugal; Silva (sites importantes para pedir informação);

De facto, a expulsão de Domingos da Cunha esteve agendada para março e depois para maio de 1944, segundo ofícios do Prefeito da Polícia dirigidos ao Prefeito d l'Eure-et-Loire. A 13 de abril de 1944, é mesmo referido que o repatriamento «poderia ter lugar durante o mês de maio quando um comboio de asilados espanhóis voluntários entrasse em Espanha». Em consequência disto, o português poderia ser transferido para o Campo de Internamento de Tourelles, tendo em vista os procedimentos consulares.

Tal como aconteceu com Richard Lopes, os eventos históricos ditaram o destino de Domingos da Cunha. Como consequência de uma espetacular evasão de 42 detidos, na noite de 5 para 6 de maio de 1944, a 9 de maio, o Campo de Voves volta a ser entregue às autoridades alemãs e os 405 internados que restam no campo, entre os quais Richard Lopes e Domingos da Cunha, são levados para o Campo de Royallieu em Compiègne, campo de trânsito em direção aos campos de concentração nazis e onde Domingos recebe o número de matrícula 35082.

A partir daqui, o percurso de vida de Domingos da Cunha torna-se cada vez mais opaco por falta de documentação. Sabe-se que ele é um dos 2004 homens de Compiègne que parte no transporte de 21 de maio de 1944, em direção ao Campo de Concentração de Neuengamme. Sabe-se que aqueles 2004 prisioneiros são transportados em vagões de transporte de animais, cerca de uma centena por vagão, e 49,7% destes deportados (997) desaparecerão ou morrerão após a deportação. Sabe-se que neste comboio seguiam dois prisioneiros identificados como portugueses, Paulo da Silva e Manuel Barreira Gomes, e três nascidos em Portugal mas naturalizados como franceses, Domingos da Cunha, Richard Lopes e Manuel João. Sabe-se que o transporte chega ao Campo de Concentração de Neuengamme três dias depois, a 24 de maio de 1944 e que rapidamente, a maioria destes prisioneiros é afeta a vários Kommandos (de trabalho) do campo, organizando-se três grandes transferências, uma para Watenstedt, outra para Fallersleben e outra para Bremen-Farge. Sabe-se que não se encontra qualquer referência à atribuição de um número de matrícula a Domingos da Cunha em Neuengamme e por conseguinte não se encontra qualquer ficha individual do campo sobre este deportado, embora o seu nome conste de uma lista alfabética anual, compilada no pós-guerra, referente a prisioneiros franceses de Neuengamme ali chegados em 1944.

## Diapositivos 67 e 68

Ponto de partida o que sabia Patrícia Carvalho sobre Ricardo Lopes.

Pesquisa no USHMM: Richard Lopes; entrega da documentação;

ITS, Arquivo francês: (sites importantes para pedir informação);

Musée de la Resistance: pesquisar Lopes (foto em Cachan);

Service historique de la Defense: ver os dossiers administrativos da resistência – pesquisar Lopes para se obter o n.º do processo e pedir. Pesquisar apenas na Letra L – Portugal.

Com estas informações verificamos que pelo menos em 1917 ele já estava em França, pois casou nesse ano em Marselha, tendo-se naturalizado como francês em 1926. Viveu, a partir de 1933 até 1940, na pequena cidade de Cachan, a cerca de 10 km a sul de Paris. Através de Patrícia Lopes Martinez, soubemos que o português terá pertencido à marinha e teria vivido no início dos anos 30 na Tunísia, onde nasceu o seu terceiro filho, René (pai de Patrícia). Nesta altura tinha já duas filhas Mireille, Colette, e anos depois teve o quarto e último filho Jacques.

Foi detido pela primeira vez, em 1939, por, no âmbito da sua ação no Partido Comunista Francês e durante a Guerra Civil de Espanha, ter ajudado refugiados vindos de Espanha. Em março de 1940, foi detido uma segunda vez por durante uma busca a sua casa ter sido descoberta uma máquina de escrever que permitia a elaboração de panfletos de propaganda à Extrema-Esquerda. E no dia 6 de dezembro desse mesmo ano é preso novamente devido a uma denúncia de ele produzir e distribuir panfletos Anti Hitlerianos. Depois de passar pela prisão de La Santé em Paris, é internado administrativamente no Campo de Aincourt. A 6 de setembro de 1941 é transferido para o Campo de Internamento de Rouillé. A 23 de novembro de 1943, o português é transferido para o Centro de Internamento de Voves e através da análise dos documentos deste campo verificamos que Richard trocou correspondência com a mulher em dezembro de 1943 e surpreendentemente esta também se encontrava internada no Campo de la Lande à Monts.

Em dezembro de 1943, Richard Lopes parece estar na eminência de ser libertado pois tinha sido erradamente colocado na lista de estrangeiros indesejáveis. Nunca se saberá. Depois do encerramento do Campo de Voves, após uma espetacular evasão de 42 detidos, Richard Lopes é enviado para Compiègne para ser deportado para Neuengamme. Neste transporte de 21 de maio de 1944 para Neuengamme, seguiam mais quatro portugueses: Paulo da Silva, Manuel Barreira Gomes, o nosso já conhecido Domingos da Cunha e Manuel João.

Este comboio chega a 24 de maio de 1944 ao Campo de Neuengamme. A partir daqui não se sabe o que aconteceu a Richard Lopes, apenas que sobreviveu à passagem por este campo mas após a sua evacuação foi, provavelmente, enviado numa das marchas da morte para Bergen-Belsen, local onde morre a 21 de maio de 1945, um mês após a libertação deste campo.

Em Cachan, na cidade onde viveu antes de ser deportado existe desde 18 de novembro de 1945 um monumento em homenagem aos heróis da Resistência que foram mortos em 1944 e a três deportados daquela cidade que não resistiram aos campos, entre eles, Richard Lopes, mort en Déportation.